

## **A sala de aulas: uma tribuna de ideias ou uma exposição estática?**

Eugénio Namuele Guli

Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla

e

Instituto Superior Politécnico Vida

(Angola)

### **Resumo**

Trata-se de uma pesquisa meramente bibliográfica juntando as reflexões pessoais em torno da comercialização do conhecimento hoje. A tónica da questão tem sido no seguinte: se está numa era de muita informação e informação credenciada, os pesquisadores crescem, os investigadores crescem, os conhecimentos são renovados cada dia que passa, novos paradigmas são discutidos “*diariamente*”; os programas das cadeiras são enriquecidos semestralmente e os alunos têm acesso; o que falta, para deixar de monopolizar as aulas – ou como dizem os outros a “fala na sala de aulas”? Como se lucra um ensino sem discussão de ideias em pleno século XXI? Qual é a razão do monopólio das aulas, se é que podemos chamar esses encontros de aulas? Será que há uma razão da fuga dos professores para transformarem as aulas em debates? Como, então, se deve formar hoje? Que pilares dinâmicos se podem orientar aos alunos na actualidade?

São algumas reflexões basilares para esta comunicação.

Palavras chave: educar, competências e paradigmas

## **Introdução**

Neste item, se começa com a reflexão de alguns conceitos clássicos, dando algumas opiniões a luz da dinâmica da ciência e da evolução da própria língua, em seguida e, com base no índice de conceitos concebidos, se faz uma abordagem de vários aspectos em volta da personalidade do professor do presente século, *quixá do século XXII*. Apresenta-se depois as considerações finais, e logo segue-se a bibliografia.

### **1. Reflexão sobre alguns conceitos**

A **escola** é uma ideia cuja missão principal é produzir a sociedade, com valores ideais que contribuam para uma convivência harmónica e verdadeiramente peculiar.

É uma ideia projectiva, é uma fonte e resolução de problemas para as enfermidades das comunidades, razão pela qual a ideia escolar é transformada em matéria física, cujo objecto de pesquisa é a sociedade onde se encontra inserida.

À escola cabe suprir as experiências que permitam ao “aluno” educar-se, em um processo activo de construção e reconstrução do objecto, em uma interacção entre estruturas cognitivas do indivíduo e estruturas do ambiente (Luckesi, 2011:76-77).

Não significa que a escola deva ser um estado dentro do estado, ela serve o estado instituído, na prevenção, análise, discussão e contorno de situações anómalas que prejudiquem a vida almejada em qualquer sociedade.

Segundo Luckesi (2011:100), é função da escola continuar a mediar para as novas gerações, a apropriação da cultura acumulada pela humanidade. É preciso sublinhar que esta nobre tarefa está reservada ao professor; logo é necessário que o mesmo se reveja em como cumprir com esse desiderato, evitando que a sociedade o julgue pela distorção dada ao ouro humano.

A mudança e a compreensão conceitual de escola, passa por decisões políticas, por inovações na organização e na gestão do sistema e por uma evolução dos conteúdos e das práticas pedagógicas (Thurler e Perrenoud, 1994:15)

Uma política da educação prepara-se, por meio de reflexões, debates, investigações, experiências e actividades científicas em massa como: jornadas

científicas, fóruns, colóquios, conferências, workshops, seminários, congressos e outros. Em suma cria *tribuna de ideias transparentes*, tendo como evidência única e simplesmente a vida social dos cidadãos.

**A sala** é uma oportunidade de aprendizagem por meio da interacção entre seres pensantes, reflexivos e interrogantes. Esses seres podem ser humanos e/ou opostos. No primeiro, trata-se do professor e do aluno e no segundo um dos dois e os livros e/ou outros fornecedores do conhecimento. Daí que sem aferir as novas tecnologias, considero a sala de aulas como uma oportunidade de aprendizagem e não um espaço físico, limitado com disposição de carteiras, quadro ou tela para a projecção electrónica, localizadas em zonas pouco ou não poluídas, com janelas dispostas de forma pedagógica com todo o cromatismo e ventilação exigidas dos favores das áreas de saúde, segurança e ambiente.

O essencial nessa sala, quer seja material ou ideal, é o ambiente promissor para uma reflexão e indagação a situações pouco esclarecedoras.

**Aula** é um conceito que designa uma periodicidade de actividades coordenadas e objectivas em função de padrões didácticos. Nela, o professor recorre a diferentes variáveis e coreografias didácticas. Deve-se perceber que na didáctica pós moderna, a mesma só tem lugar num ambiente de amizade, liberdade de expressão, discussão livre ainda que as opiniões não sejam bem estruturadas, hierarquizadas, inconsistentes, influídas, gaguejadas.

O importante é não ficar calado; os estudantes devem ser incentivados a orientar debates, a terem ideias perante os fenómenos levantados, opinar sobre os conteúdos em debate, já que os mesmos têm acesso aos conteúdos programáticos. Assim se deve entregar o maior protagonismo das aulas aos alunos do que ao professor; os alunos devem debater entre si, contrariando-se, refutando-se, aliando-se, alienando-se sob um olhar atento do orientador, jogando as peças das ideias mais candentes, fomentando assim o debate. O professor deve ser tanto como cientista quanto como artista. Deve evitar que se chegue à convergência de ideias rapidamente mas deve procurar retardar o máximo a fim de que os estudantes se desafiem cada vez mais a reflectir e emitir ideias valiosas que criem apoio aos colegas ou fomentem ainda mais as dúvidas.

**A aprendizagem** é um processo através do qual o estudante descobre conhecimentos, relações entre si, e aplicá-los na vida prática. É um acto activo, de protagonismo que deve incomodar o estudante.

Hoje existem muitas oportunidades de instrução. Segundo Pérez (2011:23), existem pelo menos 4 mecanismos para instruir-se: sistemas informais, escolas comunitárias ou corporativas, educação à distância, educação domiciliária.

Portanto, observa-se, que há variadas formas de aquisição e ascensão ao conhecimento.

**Professor**, é um sujeito formado e em formação constante pedagógica, psicológica e didacticamente, cuja respiração que outorga a sua linguagem é professar a ciência e a vida. Um professor assim, cumprirá sim com a missão esperada da escola que é criar um ser humanizante que coloque acima de si os valores requeridos na sociedade.

**Aluno** é um conceito que, na sua essência, se deve a seus protagonistas, como o conceito de átomo, mesmo significando não indivisível e que na realidade é divisível com uma estrutura bem definida, ainda é usado; na origem etimológica da palavra, *aluno* significa: *a- não, lunes –luz; logo aluno, quer dizer um sujeito sem luz*. Este conceito leva a reviver as ideias de John Locke que defendia que o aluno é uma tábua rasa, sem conhecimentos nenhuns, uma folha branca onde qualquer um podia escrever alguma coisa.

Catapultando o conceito original na actualidade, sociedade de informação que alimenta a sociedade numa aldeia global, simplesmente, desmente-se esse conceito com maior acutilância. Aceita-se que os fenómenos científicos podem não ser explicados de forma enérgica e fundamentada, mas uma opinião titubeante, gaguejada pode ser aferida.

**Competências**, segundo Lindo (2012:24), são capacidades que todo o ser humano necessita para resolver, de maneira eficaz e autónoma as situações da vida. De uma forma específica aos docentes, referem-se as potencialidades, capacidades ou qualidades básicas que deveriam ter uma pessoa para exercerem a docência com eficácia em qualquer nível do sistema educativo.

Lindo (2012:23) distingue cinco dimensões e dez competências. Mais adiante analisaremos.

**Paradigma**, é um termo com origem no grego *paradeigma* que significa modelo, padrão. Existem muitos modelos: educacional, cartesiano, de programação, trabalhista, da complexidade, de futebol e outros.

Nesta reflexão, somente, se fará menção ao paradigma educacional.

Distinguem-se paradigmas como: inteligências múltiplas, inteligência emocional, do construtivismo, da aprendizagem na resolução de problemas, e com novos contextos, informatização, globalização, multiculturalidade, crises da sociabilidade, explosão de conhecimentos.

## **2. O professor**

### **2.1. Alimentação vocacional do professor**

O professor pode ser um arquitecto de paz e harmonia social que uma sociedade não devia perder de vista, como um terrorista em grande escala que a sociedade pode possuir.

Ele tem a sua mercê um subconjunto de uma sociedade onde pela sua posição estratégica, é capaz de orientar a sociedade como poder desviá-la totalmente. O professor é o mais completo ser humano que já existiu, pelo facto de ser o mais transcultural, transracional, transtribal, translingue, transregional ...

Uma sociedade colocada sob os auspícios do professor, saberá viver na diferença, na humildade – um valor em falta entre muitos académicos.

Daí que segundo o conceito já avançado, ele precisa de alimentar a sua própria vocação para que viva. Se o alimento proporciona que as células responsáveis pelas actividades orgânicas se nutram a fim de que exerçam o seu real papel e o indivíduo seja robusto, saudável, de igual forma o professor precisa de se alimentar da ciência – *permanecendo na fonte* – para que não despreze a sua actividade, auto-mutile-se e auto-destrua-se, desaparecendo nas lides académicas vivendo sem nenhuma opinião para os fenómenos actuais.

O professor não tem razões de viver uma esterilidade científica, pois hoje se vive numa sociedade de informação desmedida, descomunal, supersónica, cruzeiro. Essas

informações estão disponíveis, sem fronteiras científicas, estão abertas para todo aquele que precise de se nutrir. Muitos eventos científicos que decorrem um pouco por todo o mundo, nos diferentes continentes, nas diferentes línguas, nas diferentes épocas. Os meios de transporte hoje perderam também a sua nacionalidade, operam em quase todo o mundo, a aquisição de bilhetes de passagem está facilitada devido à presença das tecnologias de informação e comunicação desenvolvidas.

A renovação de conhecimentos, de programas curriculares, de cenários de aprendizagem, de coreografias didáticas está muito facilitada. O professor na qualidade de facilitador do processo, precisa sim, seleccionar cuidadosamente desse material bruto que as tecnologias de informação lhe proporcionam em função do perfil da sua instituição, missão e visão e fornecer aos estudantes os caminhos para a sua auto-aquisição.

As razões acima avançadas, condenam a existência de “*idade senil*” de alguns programas de cadeiras, conteúdos, e cenários de aprendizagem que rotularia de cenários de desaprendizagem das ciências.

## **2.2.A pesquisa como oxigénio do professor**

Quando um professor não se preocupa pela alimentação da sua vocação, torna-se raquítico, desnutrido, epilético, estando susceptível de contrair outras “*doenças*” como a mudez científica, fobia pelo estudante em sala de aulas e para esconder essa vergonha, não são poucas as vezes que o mesmo se torna arrogante, intransponível, inacessível a abertura de debate, semeando assim o medo em sala de aulas. E como consequências, os estudantes tornam-se também fraco, por não encontrarem um espaço para poderem expor suas opiniões em função da nutrição científica que lhes foi proporcionado pelas pesquisas feitas.

Daí, há necessidade da vida de pesquisa como a respiração constante do professor, evitando as vergonhas profissionais que podem ser e muito bem evitadas. Só as pesquisas constantes tornam na sociedade actual, nos actuais cenários de aprendizagem, o exercício com alegria da profissão mais nobre de todas, o exercício da docência.

Com a pesquisa constante do professor, as salas físicas converter-se-iam em tribunas de troca de ideias, cruzamento de informações, onde poderia imperar a lei de

que *o mais proibido é não ficar calado*; todos se preocupariam em cada encontro académico trazer algo que para o estudante pode ser novo, podendo não ser para o professor e obviamente não novo para a sociedade. É aí onde está o estímulo, o ânimo da actividade do estudante.

Assim, o conhecimento descoberto pelo estudante torna-se mais sólido do que aquele que lhe é proporcionado.

### **2.3.Desafios actuais**

O exercício da actividade do professorado nessa era pós moderna não é fácil, atendendo a disponibilidade de informações que se tem. O professor que não se inova, frustra-se, foge da sala de aulas, inventa constrangimentos, e até pensa solicitar uma licença de aposentação. Alguns desafios são:

- ✓ Como tornar as aulas mais dóceis, convidativas, prazerosas, atraentes, indispensáveis?
- ✓ Como proporcionar coreografias didácticas que sirvam de estímulo às aprendizagens produtivas dos estudantes?
- ✓ Como evitar que o professor não avalie o erro, pela dúvida criada pelo facto de não permanecer na fonte do conhecimento?
- ✓ Como reinventar as aulas em função das fases didácticas conhecidas?
- ✓ Como tornar-se vivente na profissão?
- ✓ Que competências se devem formar no futuro profissional?
- ✓ Como se deve formar tais competências?

São reflexões que não têm respostas ainda, mas que cada um que se considera como professor do século “*XXIII*” deve debruçar-se para o efeito a fim de que sua actividade seja coroada de êxitos e se sinta realizado como contribuinte para a harmonia e desenvolvimento social das pessoas.

### **2.4.Alguns medos dos professores**

Fernandes (2008:146-148) identifica 7 medos que assolam os professores no exercício da sua profissão:

1. Medos associados à indisciplina e à gestão dos alunos nas aulas;
2. Medos associados à não satisfação da necessidade de reconhecimento;

3. Medos associados à gestão da profissão pela tutela;
4. Medos associados à falta de competências de ensino;
5. Medos derivados de obstáculos à realização profissional;
6. Medos associados à aceitação de desafios na escola;
7. Medos associados a uma avaliação negativa de si próprio vinda dos outros.

Lerner, citado por Fernandes (2008), diz que o medo se vence com a coragem, a qual não é simplesmente a inexistência de medo, mas a capacidade de pensar, falar e agir; apesar do medo e da vergonha.

Parafrazeando Freire (1996), precisamos de investigar esse fantasma que paira na mente dos professores quando eles orientam as aulas.

Uma opinião, a vitória contra o medo só se conquista quando o professor for investigador, alimentador da sua vocação. A partir dos medos levantados por Fernandes, o professor precisa agora de encontrar a receita específica para cada um deles. Isso far-lhe-á vencedor.

### **3. Competências e paradigmas na era pós moderna**

#### **3.1. Como educar hoje?**

A sociedade é dinâmica porque, o homem é dinâmico, o conhecimento é dinâmico porque, a apetência pelo conhecer é dinâmica, a mente da leitura dos fenómenos é dinâmica porque, a inovação tecnológica é dinâmica, a idade da não saturação e comodismo do conhecimento é dinâmica porque, o conhecimento é elástico e ainda não absoluto.

Hoje educar o homem, torna-se ainda mais difícil do que no passado. Não é difícil pelo facto de haver múltiplas escolhas de informações, mas como o conceito chave diz, fazer o homem valioso para “todos” é difícil. Os valores estão distorcidos, invertidos. Parece não haver hoje, os chamados valores universais, defendidos em primeira mão em todas as sociedades como: *não roubar, não matar, não andar nu*.

Para influenciar melhor o estudante, hoje, é necessário conhecê-lo bem; conhecer alguém não é possível em somente um semestre num universo de 300 estudantes.



Para elevar um pouco a qualidade de ensino-aprendizagem, tem-se algumas ideias soltas a contribuir, segundo o contexto angolano. Ei-las:

1. Distanciar-se da formação em quantidade para a formação em qualidade, isto é, não diminuir o número de vagas de acesso, somente equilibrá-la com o número de orientadores;
2. Apostar na implementação de seminários de didáctica de ensino superior e cursos de curta duração para municiar os professores com ferramentas que possam auxiliá-los no exercício das suas actividades;
3. Apostar na formação de professores para o nível superior e enriquecer o tecido cultural dessa classe de professores;
4. Estabelecer em 15 estudantes o número máximo de alunos por turma, a fim de que permita ao professor conhecer melhor os seus estudantes, tendo assim a possibilidade de melhor influenciá-los.

### **3.2. Competências e paradigmas na era pós moderna**

Segundo Lindo (2012:32), existem cinco dimensões sob as quais se deve basear as competências a desenvolver no homem profissional actual que são as seguintes:

- ✓ Aprender a ser
  - Identidade
  - Criatividade
- ✓ Aprender a conhecer
  - Cientificidade
  - Competência linguística
- ✓ Aprender a aprender
  - Capacidade para ensinar a aprender
  - Comunicabilidade
- ✓ Aprender a fazer
  - Capacidade para ensinar o saber fazer mediante a resolução de problemas
  - Competência informacional
- ✓ Aprender a conviver
  - Sociabilidade

- Responsabilidade social

Segundo outras pesquisas e reflexões pessoais, pode-se acrescentar as seguintes dimensões:

- i. Aprender a ganhar
- ii. Aprender a gastar

Essas últimas dimensões, no meu entender, evocam o empreendedorismo no profissional. É preciso que os profissionais sejam formados não só para ganharem o emprego, mas para criarem empregos. Convém na nova geografia mundial que os professores acabem com expectativas falsas dos formandos de que depois de serem formados serão logo absorvidos pelo estado; o governo não terá a capacidade de absorver todos, daí o apregoar de concursos públicos para que se seleccione “*os melhores*” e possam ser enquadrados nos respectivos sectores.

#### **4. Considerações gerais**

Nesta reflexão sobre a sala de aulas, tentou-se encontrar algumas razões estão na base de as mesmas se transformarem em autênticos comícios: correspondência unívoca, uso unidireccional da palavra, reduzindo o estudante a uma posição totalmente passiva.

Das reflexões tidas, descobriu-se que o carácter de alguns professores em salas de aulas, é um esconderijo encontrado a fim de despersonalizar o que realmente são. Pelo facto de não serem professores pesquisadores, acomodam-se em conhecimentos não actualizados, personalizam-se como sendo maus, arrogantes, intransponíveis, inacessíveis, com uma linguagem despida de ética, mas vestida de orgulho, desprezo para que semeie o medo nos estudantes, evitando que façam perguntas e identifiquem no professor a incapacidade de resposta e magreza do vocabulário científico.

Só alimentando a vocação do professorado por meio de ferramentas reflectidas nesse trabalho, o professor verá a nobreza existente nessa grandiosa tarefa de formar recursos humanos úteis a sociedade.

## **Bibliografia**

AAVV (2011). Ética e formação de professores: política, responsabilidade e autoridade em questão. Cortez editora. São Paulo, Brasil

Colombo, Sónia Simões (2011). Desafios da gestão universitária contemporânea. Artmed editora, S.A. Porto Alegre, Brasil

De Almeida, Maria Isabel (2012). Formação do professor do ensino superior: desafios e políticas institucionais. Cortez editora. 1ª edição. São Paulo, Brasil

Durkheim, Émile (2011). Educação e sociologia. Editora Vozes. Rio de Janeiro, Brasil

Garza, Ana Mª González (2009). Educación holística: la pedagogia del siglo XXI. Editorial kairóz S.A. Barcelona, España

Lindo, A.P. (2012). Competencias docentes para el siglo XXI. Tinta fresca edición, S.A. 1ª edição. Buenos Aires, Argentina

\_\_\_\_\_ (2010). Para qué educamos hoy? Editorial biblos. 2ª edición. Buenos Aires, Argentina.

Luckesi, C.C. (2011). Filosofia da educação. Cortez editora. 2ª edição. São Paulo, Brasil

Médici, Angéla (2002). A educação nova. Rés editora Lda. Porto, Portugal

Nóvoa, A. (1999). Profissão professor. Porto editora. 2ª edição. Porto, Portugal

Pimenta, Selma Garrido & Anastasiou, Léa das Graças Camargos (2012). Docência no ensino superior. Cortez editora. 4ª edição. São Paulo, Brasil.

Pimenta, Selma Garrido & Lima, Maria Socorro Lucena (2010). Estágio e docência. Cortez editora. 5ª edição. São Paulo, Brasil

Teixeira, Sebastião (2011). Gestão estratégica. Escolar editora. Lisboa, Portuga.

Thurler, Monica Gather & Perrenoud, Philippe (1994). A escola e a mudança. Escolar editora. Lisboa, Portugal